

DESAFIOS DA MEMÓRIA E A OPERAÇÃO HISTORIOGRÁFICA

Antonio Torres Montenegro (UFPE)

Uma primeira questão que se coloca na pesquisa que desenvolvemos relaciona o debate historiográfico e a problemática da memória. Constantemente, alguns autores procuram caracterizar o uso do depoimento oral como uma fonte que merece uma atenção especial, por diversas razões como: não ser objetiva; constituir-se num arquivo provocado; caracterizar-se por sua dimensão individual.¹ Essas e outras reflexões relacionadas ao depoimento oral de memória estabelecem um ciclo vicioso, pois estão marcadas pela preocupação com a verdade histórica a partir do modelo inspirado na ciência clássica e em toda a herança positivista. Em última instância, reafirmam uma perspectiva voltada para a busca do verdadeiro conhecimento como resultado da adequação do conceito ao real. No entanto, na medida em que as reflexões da física quântica e da teoria da relatividade apontam para uma outra forma de entender o conhecimento, ou seja, consideram este como modelo ou representação que busca atender e responder a um momento do desenvolvimento do saber de determinada área, opera-se uma ruptura com a visão de que a ciência estaria descobrindo a verdade do real. Essas mudanças produzem ressonâncias na concepção através da qual é pensada a produção do conhecimento na área das humanidades.² O ofício do historiador deve contemplar diversas etapas que se tornam instituintes do passado recriado como conhecimento histórico. Nesse sentido, o levantamento e estudo da historiografia sobre o tema que se elegeu, a pesquisa atenta da documentação e a formulação de questões que estabeleçam um diálogo constante com as reflexões teórico-metodológicas dão suporte à produção da narrativa histórica.

A operação historiográfica

O real não é mais considerado algo evidente, claro, objetivo, mas uma produção de um determinado grupo, de uma determinada cultura, no tempo e no espaço.³ Nesse sentido, o documento é ao mesmo tempo um registro e uma construção. A

partir dessa perspectiva o historiador irá considerar que as marcas, os registros da história viva constituem um permanente combate de informações com os quais terá que lidar para produzir sua trama histórica.⁴

Dessa forma, os relatos orais para o historiador se constituem como produção de uma fonte, que lhe cobra uma prática e materializa-se em procedimentos analíticos que possibilitam deslocamentos e por extensão a construção de uma nova ordem de significados e portanto um outro entendimento do que é dito. No interior desse conjunto complexo de movimentos, está a escrita do historiador que não pode nem deve ser confundida com a escrita do relato oral ou de qualquer outra fonte.

Nas trilhas da História e da Memória

Como já assinalamos no início, a pesquisa sobre os movimentos sociais rurais no Nordeste do Brasil, na segunda metade da década de 1950 e 1960,⁵ oferece grandes linhas de entendimento para as lutas sociais naquele período. Tanto a nível mundial, em face da Guerra Fria, como em âmbito nacional, onde diversas forças políticas e sociais se digladiam. Estabelecer deslocamentos analíticos construindo outros campos de significado históricos acerca dessas verdades historiográficas, poder-se-ia considerar como um procedimento coerente com a análise de Certeau, na sua operação historiográfica. Ao mesmo tempo, surpreende, quando alteramos o nível da abordagem macro, e mergulhamos no campo dos relatos orais de memória. Embora os relatos de memória adquiram as mais diversas matizes, em razão tanto das perguntas formuladas ou mesmo da postura do entrevistador,⁶ como também do entrevistado, muitas vezes estes relatos descortinam um novo campo. Experiências, relações, disputas, estratégias cotidianas, ocorrem algumas vezes não encontrarem-se registradas em outros tipos de fontes. Nesse sentido, muitos depoimentos concorrem para um tratamento micro-histórico na medida em que *“ a escolha de uma escala particular de observação produz efeitos de conhecimento, e pode ser posta a serviço de estratégias de conhecimentos. Variar a objetiva não significa apenas aumentar (ou diminuir) o tamanho do objeto no visor, significa modificar sua forma e*

sua trama.”⁷ Assim, entendemos também que o relato oral de memória não contempla ou atende por si a nenhum patamar especial de conhecimento. E sim, ao oferecer algumas vezes, ou muitas vezes, dimensões e aspectos relativos a micros acontecimentos, possibilita modificar a trama, o enfoque, mas está novamente a exigir do historiador um deslocamento analítico, a operação historiográfica.

Os padres que imigraram da Europa para o Brasil no período em estudo, vinham como missionários. Atendiam a um apelo da Encíclica FIDEI DOMUN e nesse sentido estavam conscientes da importância da sua missão no sentido de barrar o avanço do comunismo, principalmente no Nordeste do Brasil, onde as Ligas Camponesas (1958) transformaram-se numa grande ameaça à hegemonia católica. Isto porque, o discurso das Ligas não apontava a *religião como ópio do povo*, mas apropriava-se da simbologia cristã e produzia um discurso criticando proprietários e padres. Uma cartilha produzida pelas Ligas na época ilustra essa crítica:

O latifúndio diz assim: ‘Deus castiga aquele que se rebela contra ele. Se um é rico e outro é pobre, se um tem terra e outro não, se um deve trabalhar com a enxada para dar o ‘cambão’ e outro se mantém e se enriquece com o fruto desse ‘cambão’, se um vive num palácio e o outro numa palhoça, é porque Deus quer. Quem se rebela contra isso, se rebela contra Deus. Sofre os castigos do céu: peste, guerra e fome. E quando morre vai para o inferno. O pobre deve ser pobre para que o rico seja rico. O mundo sempre foi assim. E há de ser sempre assim. É Deus quem o quer... Assim fala o latifundiário ao camponês. Usa o nome de Deus para assustar-te. Porque tu crês em Deus. Porém esse Deus do latifundiário não é teu Deus. Teu Deus é manso como um cordeiro. Se chama Jesus Cristo. Nasceu em um estábulo. Viveu entre os pobres. Se rodeou de pescadores, camponeses, operários e mendigos. Queria a liberdade de todos eles. Dizia que a terra devia ser de quem trabalha. E o fruto era comum. São suas as seguintes palavras: ‘É mais fácil um camelo passar por um buraco de uma agulha, que um rico entrar no reino dos céus’. Porque afirmava essas coisas foi crucificado pelos latifundiários do seu tempo. Hoje seria fuzilado. Ou o internariam

num asilo de loucos. Ou seria preso como comunista. Escuta bem o que te digo camponês. Se um padre ou pastor te fala em nome de um Deus que ameaça o povo com peste, guerra e fome, raios e trovões e o fogo do inferno, saiba que esse padre ou esse pastor são servos do latifúndio e não um ministro de Deus (1960, pp. 55-56).

O texto da Cartilha, possivelmente lido em voz alta nas rodas de camponeses, em face da tradição oral do cordel em todo o Nordeste, e também do grande número de analfabetos, deve ter causado um forte impacto, entre muitos trabalhadores rurais. Talvez nunca tivessem ouvido, ou lido, uma crítica tão direta ao discurso e às práticas dos proprietários e dos padres e pastores.

Nesse sentido, podemos imaginar a ameaça que as Ligas se tornaram para as lideranças católicas, vendo talvez repetir-se em plena metade do século XX, aquilo que *mutatis mutandis* ocorrera na Europa, na visão de Pio XI, quando afirmara que o grande escândalo do século XIX fora a perda do operariado pela Igreja.⁸ No Nordeste do Brasil, poder-se-ia pensar, iniciava-se o movimento de perda dos trabalhadores rurais.

É nesse cenário de disputa, de luta pelo poder de controlar os movimentos sociais rurais, que os religiosos podem ser considerados tão importantes quanto a colaboração dos EUA. Mesmo em 1968, quando a relação entre o Clero e o Regime Militar já fora alvo de diversos enfrentamentos, o Padre Jaime de Boer registrava em sua história de vida: *O governo militar havia feito um acordo com a Igreja, e os padres de FIDEI DOMUN já vinham com este tipo de visto da Holanda. Naquele tempo já era difícil obter o visto permanente, mas como estratégia dos militares, para manter um bom relacionamento com a Igreja, eles concediam aos religiosos. Tenho esse visto até hoje.*⁹ Garantir um bom relacionamento com a Igreja é compreender entre outros aspectos o papel formador da religião. Como observa Bourdieu “a religião contribui para a imposição (dissimulada) dos princípios de estruturação da percepção e do pensamento do mundo e, em particular, do mundo social, na medida em impõe um sistema de práticas e de representações cuja estrutura objetivamente fundada em um

princípio de divisão política apresenta-se como a estrutura natural-sobrenatural do cosmos.”¹⁰

O padre holandês Lambertus Bogaard, ao desembarcar em Recife em 1958, relembra: *A idéia que nós tínhamos na Holanda era que o Brasil era um país inteiramente atrasado. Quando desembarquei em Recife fiquei surpreso com todos aqueles prédios. Pensava que ia encontrar especialmente índios e negros pobres, atrasados, mas foi exatamente o contrário.*¹¹ A postura, a visão que esse exército de religiosos traz e pratica é idêntica à do colonizador imperialista que acreditava no caráter salvacionista do projeto civilizador.

Em outros termos, podemos buscar um novo diálogo inspirador, desta vez com um teórico da cultura e do imperialismo, Edward Said. Suas reflexões, embora estejam construídas a partir das narrativas dos romances produzidos nos países imperialistas, entre final do século XIX e início do XX, possibilitam de alguma forma estabelecer algumas conexões analíticas com nossa temática. Afirma ele: *O principal objeto de disputa no imperialismo é, evidentemente, a terra; mas quando se tratava de quem possuía a terra, quem tinha o direito de nela se estabelecer e trabalhar, quem a explorava, quem a reconquistou e quem agora planeja seu futuro – essas questões foram pensadas, discutidas e até, por um tempo, decididas na narrativa...O poder de narrar, ou de impedir que se formem e surjam outras narrativas, é muito importante para a cultura e o imperialismo, e constitui uma das principais conexões entre ambos.*¹² Os padres vieram em nome de uma cruzada, em defesa dos valores ocidentais cristãos, e seu discurso civilizador, a sua visão de mundo estavam marcadas por uma formação imperialista. Mesmo, que não estivessem imediatamente a serviço de empresas e projetos imperialistas, os valores e as práticas com os quais estabeleciam e fundavam suas relações com os diversos segmentos da sociedade, principalmente no meio rural, foram estruturadas a partir de uma educação, de uma formação, de uma história imperialista. Mas, por outro lado, não podemos esquecer que aqueles que os recebiam, também aprenderam a admirar, a respeitar, a

submeter-se aos que vinham de fora, de um outro país. Essa forma de recepção não impedia práticas de trampolinagem¹³, como observa Certeau, embora estas raramente chegassem a questionar de maneira radical o discurso religioso.

Xavier Maupeou é um padre francês que relata uma história de vida, bastante incomum, pois ao concluir seus estudos secundários na França, entra para a Escola dos Oficiais da Reserva da Cavalaria, de onde sai como aspirante. Em seguida é mandado para fronteira da Argélia com a Tunísia. Posteriormente é transferido para frente de batalha da guerra da Argélia, até ser ferido gravemente e enviado para um hospital em Paris. Ao recuperar-se deixa o exército e ingressa no Seminário. Após cinco anos, ordena-se padre e atendendo ao espírito da Encíclica FIDEI DOMUN, decide aceitar o convite para trabalhar como missionário no Brasil. Em face de contatos anteriores, viaja para o Nordeste do Brasil, a cidade de São Luís, capital do estado do Maranhão.

Uma das práticas comuns, em face do reduzido número de padres nessa região, é a chamada desobriga. Após o cumprimento de todas as obrigações religiosas, tem início a festa com bastante comida e bebida.

Relembra então Xavier, que em uma desobriga na cidade de Santo Amaro no interior do Maranhão, teve problemas na viagem e acabou chegando com muito atraso. O povo cansado de esperar, fez a festa antes de cumprir as obrigações religiosas. Ao chegar, encontrou as pessoas resacasadas em razão da bebida. Mas, mesmo nessas condições teve início a reunião de reflexão bíblica. Relata este: *Chegou então uma hora, em que não me controlei e disse: “Se ninguém falar, eu nunca mais piso aqui...” Não devia ter dito isso. Um velho disse ao filho dele: “Fala”. O rapaz pegou a bíblia para tentar ler, e a colocou de cabeça para baixo. Eu não me controlei: “Burro, tu não sabes nem pegar na bíblia direito.” Ele me respondeu: “Burro hoje, o senhor vai ver daqui a três meses.” Continuamos a reunião, apesar da falta de ambiente de fraternidade. Passados alguns meses, José Martins, o trabalhador que padre Xavier havia chamado de burro foi a sua casa: *Ele entrou, almoçamos, não**

tocamos no problema que havia ocorrido... Quando acabamos ele disse: “O senhor se lembra...” Eu disse: “Me lembro e peço perdão.” Ele então retrucou: “ Não se trata disso. Vim marcar uma data para a próxima desobriga.”

Quando voltei lá novamente para desobriga, assisti uma coisa prodigiosa. Prepararam uma verdadeira festa. Enfeitaram tudo, os meninos cantando, e houve então uma pregação desse homem – José Martins – fabulosa.¹⁴ Este relato nos faz pensar o quanto a atitude de reprovação e cobrança do religioso operou como um enfrentamento para o próprio grupo se superar. No entanto, desafio maior ocorreu alguns meses depois. Relata Xavier: Poucos meses depois dessa desobriga, teve início o problema da terra nessa comunidade. O “proprietário”entre aspas, pois não são proprietários, mas ladrões, porque nesse tempo já roubavam as terras, foi falar com o delegado e pedir a este providências para expulsar dois moradores das suas terras. Como era costume, o delegado enviou um bilhetinho aos moradores dizendo: “Venham falar comigo na delegacia.”

Nessas situações, normalmente o trabalhador vinha, e o delegado comunicava que tinha duas horas para sair da terra. Mas dessa vez foi diferente. Eles receberam o bilhete do delegado e leram como liam a bíblia. Leram, discutiram e decidiram que não iriam apenas os dois, mas toda comunidade. Na hora marcada estavam em frente da casa paroquial, pois a delegacia era vizinha.

Eu não estava sabendo de nada. Quando vi chegar esse povo todo, fui saber do que se tratava. Eles então me explicaram. Eu pensei: “Nossa Senhora de Fátima, vai começar a confusão.” Nós nunca tínhamos em nossas reuniões tratado explicitamente de assunto de terra, mas de toda a vida.

Teve então início dentro da delegacia a reunião com o delegado. Ele exigiu a presença apenas dos dois. O restante esperasse na rua. Houve um diálogo fantástico com o delegado: “Vocês vão sair da terra.” Eles então interrogaram: “Mas senhor delegado, com todo respeito, por que?” Era a primeira vez na história do município de Urbano Santos que um lavrador dialogava com uma autoridade, e não apenas ouvia

*calado e respondia 'sim senhor'. Poderia dizer que essa é uma caminhada própria do processo de formação de uma Comunidade Eclesial de Base.*¹⁵

O relato de Dom Xavier privilegia a prática religiosa, colocando-a no centro da mudança da postura política, ou mais propriamente da construção da cidadania. Provavelmente outros fatores devem ter concorrido, além da prática religiosa, para que esse grupo rompesse com o medo e enfrentasse os desafios da polícia. Entretanto, mesmo considerando que esse é o registro produzido por Dom Xavier, e que provavelmente o relato dos trabalhadores seria inteiramente outro, mudanças culturais significativas devem ter se processado para um religioso de formação europeia construir essa compreensão das práticas sociais e políticas.

* Este texto é resultado do trabalho de pesquisa desenvolvido através do projeto “Memórias da terra: a Igreja Católica, as Ligas Camponesas e as Esquerdas. (1954-1970) realizado com apoio do CNPq.

¹ BECKER, Jean-Jacques. A handicap do a posteriori. In: MORAES, Marieta; AMADO, Janaína. *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro. Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

² DELLEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34. 2000.

³ BAUDRILLARD, Jean. *A troca impossível*. Rio de Janeiro; Editora Civilização Brasileira, 1999. Pag.24.

⁴ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro; Edições Graal, 1979. Pag. 5.

⁵ Certeau observa acerca da relação pesquisa e escrita: “Enquanto a pesquisa é interminável, o texto deve ter um fim, e esta estrutura de parada chega até à introdução, já organizada pelo dever de terminar”. Op. Cit.Pag. P4.

⁶ Muitos historiadores que trabalham com entrevistas, principalmente com pessoas públicas, percebem muitas vezes como estas já têm um discurso pronto, acabado muitas vezes de caráter macro, que nada acrescenta a outras fontes documentais.

⁷ REVEL, Jacques. Microanálise e construção social in *Jogos de Escalas. A experiência da microanálise*.

⁸ ALVES, Márcio Moreira. *O cristo do povo*. Rio de Janeiro. Editora Sabiá. 1968. Pag. 68.

⁹ Entrevista com o Padre Jaime Le Boyer para o Projeto Guerreiros do Além-Mar.

¹⁰ BOURDIEU, Pierre. *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo. Editora Perspectiva, 1982. Pag. 33/34.

¹¹ Entrevista com o ex-padre Lambertus Bogaard para o Projeto Guerreiros do Além-Mar.

¹² SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo. Companhia das Letras, 1995. Pag.13.

¹³ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano.1.Artes de fazer*. Rio de Janeiro; Editora Vozes. Pag 79.*O que aí se chama sabedoria, define-se como trampolinagem, palavra que um jogo de palavras associa*

¹⁴ Entrevista com o bispo Dom Xavier Gilles de Maupeou D’Ableiges para o Projeto Guerreiros do Além

¹⁵ Entrevistada citada.